

TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM SÉRIES INICIAIS: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO BREVE

Rosina Forteski¹

Ivan Gross²

FORTESKI, R.; GROSS, I. Treinamento de habilidades sociais em séries iniciais: relato de uma intervenção breve. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 12, n. 2, p. 279-295, jul./dez. 2012.

RESUMO: Este artigo emergiu da etapa final da disciplina de Estágio Específico e descreve uma intervenção em uma escola de ensino público, que visou a organizar um breve treinamento em habilidades sociais com alunos de séries iniciais. A proposta de intervenção aqui descrita teve embasamento teórico na linha de atuação psicológica da Análise Experimental do Comportamento, e utilizou como modelo outras propostas que apresentam características similares e igualmente desenvolvidas para crianças. A intervenção proporcionou um contato inicial das crianças com atividades de características comportamentais desprovidas de cunho punitivo. A julgar pelas observações realizadas em sala, estas são características essencialmente divergentes das encontradas nas situações de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia, Educação, Habilidades sociais, Treinamento em habilidades sociais.

SOCIAL SKILLS TRAINING IN ELEMENTARY SCHOOL: A REPORT ON A SHORT INTERVENTION

ABSTRACT: This paper originated from the final part on the Specific Training subject and describes an intervention that aimed to organize a short training in social skills with elementary school students in a public school. The intervention proposal described herein was theoretically based on the psychological field of Experimental Behavior Analysis, using as a reference other proposals bringing similar characteristics, also de-

¹Psicóloga, mestranda em Educação pela UFPR e-mail: rsforteski@gmail.com

²Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil e Professor da Faculdade Metropolitana de Guaramirim; FAMEG Uniasselvi e-mail: ivangross@yahoo.com.br

veloped for children. The intervention provided an initial contact of the kids with behavioral characteristic activities free from punitive purposes. Based on the observations performed in the classrooms, these are mainly divergent characteristics found in teaching-learning situations.

KEYWORDS: Psychology, Education, Social skills, Training in social skills.

ENTRENAMIENTO DE HABILIDADES SOCIALES EN LOS PRIMEROS GRADOS: RELATO DE UNA BREVE INTERVENCIÓN

RESUMEN: Este artículo surgió en la fase final de la asignatura de Práctica Específica y describe una intervención en una escuela de enseñanza pública, cuyo objetivo ha sido organizar un breve entrenamiento en habilidades sociales con alumnos de los primeros grados. La intervención aquí propuesta tuvo embasamiento teórico en la línea de actuación psicológica del Análisis Experimental del Comportamiento, y ha utilizado como modelo otras propuestas que presentan características similares e igualmente desarrolladas para niños. La intervención ha proporcionado un contacto inicial de los niños con actividades de características conductuales desprovistas de cuño punitivo. A considerar por las observaciones realizadas en clase, estas son características esencialmente divergentes de las encontradas en las situaciones de enseñanza y aprendizaje.

PALABRAS CLAVE: Psicología, Educación, Habilidades sociales, Entrenamiento en habilidades sociales.

Introdução

Este artigo emergiu da etapa final da disciplina de Estágio Específico, parte integrante da grade curricular no último ano do curso de Psicologia, e descreve uma intervenção em uma escola de ensino público, que visou organizar um breve treinamento em habilidades sociais com alunos de séries iniciais. O termo habilidades sociais (HS), considerando o aporte teórico da análise do comportamento, faz referência a um conjunto de diferentes classes comportamentais do repertório de um indivíduo que fornecem subsídios para o constante aprimoramento de sua competência

social. As HS possibilitam que se faça viável uma interação adequada entre o sujeito e seus pares. Já o termo competência social representa a funcionalidade do indivíduo em articular pensamentos, sentimentos e ações para fins pessoais desejados e para atuar em situações específicas de seu ambiente social e cultural. Um indivíduo socialmente competente obtém consequências positivas de suas interações com as pessoas de seus contextos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b).

Já o termo competência social assume características avaliativas, pois refere-se à capacidade do indivíduo ser efetivo nas suas interações sociais. Para Del Prette e Del Prette (2001), a pessoa competente socialmente é aquela que, pela sua interação com as pessoas, obtém redução de danos e perdas e aumento de ganhos.

Assim, considerando a dimensão pessoal e os contextos situacional e cultural, o desempenho socialmente competente é aquele que - fundado na coerência entre os subsistemas, cognitivo, afetivo e conativo - expressa uma leitura adequada do ambiente social, ou seja, decodifica corretamente os desempenhos esperados, valorizados e efetivos para o indivíduo em sua relação com os demais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 33).

Uma definição objetiva do comportamento socialmente hábil é provida por Caballo (apud CABALLO, 2008), para o autor pode-se dizer que o indivíduo se mostra habilidoso socialmente quando é capaz de expressar seus sentimentos, atitudes, desejos e opiniões em defesa de direitos pessoais de maneira adequada e funcional em suas relações interpessoais e ao fazê-lo considera a legitimidade dos mesmos direitos nos demais indivíduos, resolvendo os seus problemas mais imediatos presentes nas situações e reduzindo a probabilidade de produção e potencialização de problemas similares futuros.

Pelo exposto, compreende-se que um repertório pobre em HS resulta em defasagens relevantes nas interações em uma vasta gama de contextos. De acordo com De Lucca (s/d) os comportamentos socialmente habilidosos são os que satisfazem a pessoa que os emite e as demais que com ela interagem, sendo assim desejáveis nas relações interpessoais pelo seu valor adaptativo. Cumpre ressaltar, porém, que as classes de

comportamentos que compõem o que chamamos de HS não se resumem a verbalizações, mas compreendem também expressões faciais, posturas, contatos visuais, aparência física, entre outros. A relevância destes comportamentos se revela pela demanda social atual de inclusão ao meio, o indivíduo tem necessidades de desenvolver-se enquanto sujeito de maneira segura, agindo em favor da promoção e preservação de sua saúde mental.

As HS são o suporte para a competência social do indivíduo. A competência social é um hábil indicador da adaptação psicossocial e nos sugere as probabilidades de um desenvolvimento funcional adequado, visto que um repertório social empobrecido tende a representar com frequência sintomas associados a problemas psicológicos. Os efeitos negativos de uma competência social baixa mostram a possibilidade de ocorrência de sintomas de transtornos psicológicos e são sinais de alerta para eventuais problemas em etapas posteriores do desenvolvimento (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b).

A demanda de um contexto se relaciona, portanto, com a competência social do indivíduo que precisa se comportar satisfatoriamente frente às expectativas dos grupos. Para Del Prette e Del Prette (2001, p. 46) o conceito de “demanda pode ser definido como ocasião ou oportunidade diante da qual se espera um determinado desempenho social em relação a uma ou mais pessoas”. Um repertório elaborado de HS trabalha em favor do indivíduo uma vez que lhe fornece consequências favoráveis, facilitadoras do seu cotidiano. Já a escassez de HS, segundo Caballo (2008), reflete relações sociais pouco satisfatórias e um dos produtos resultantes pode ser a ansiedade. As crianças mais inibidas tendem a receber menos reforçadores em consequência de apresentarem um diminuído repertório interativo e social, dadas suas oportunidades de aprender e praticar condutas sociais. Inversamente, às crianças mais desinibidas serão apresentados recompensadores que tendem a manter sua inserção social. Esse processo explica uma conduta agradável e expressiva.

Historicamente, a interface entre análise do comportamento e HS tem se mostrado expressiva na produção e na aplicação de conhecimento a respeito dos comportamentos sociais. Emerge pertinente a clarificação, no entanto, de que análise do comportamento e HS não são sinônimos e ambos não esgotam suas possibilidades nesta interface. Pois, se de um

lado a análise do comportamento se apresenta como uma abordagem da Psicologia, com fundamentos filosóficos e aplicações baseadas na ciência, por outro, habilidades sociais são um campo de estudo e prática de abordagens diversas. O produto das investigações de ambos é importante para a aplicação da Psicologia em diversas áreas como na terapia, educação, saúde, trabalho, entre outros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010a).

Habilidades sociais na infância

A interação entre as pessoas em determinadas situações é o que caracteriza o conceito de HS. Quando nos referimos às HS da infância, fazemos referência às relações entre pares onde estão presentes contingências favoráveis para a aprendizagem e refinamento de seus repertórios interativos. Para o desenvolvimento de HS na infância, portanto, o trabalho em grupo se mostra ideal, pois possibilita as condições nas quais as crianças podem emitir suas respostas e obter as consequências que manterão seus comportamentos de socialização (SALVO; MAZZAROTTO; LÖHR, 2005).

A criança aprende por meio de princípios gerais do comportamento, a aprendizagem comportamental se refere a uma seleção por consequências que define, em última instância, a ontogênese do indivíduo.

A seleção ontogenética é certamente o processo mais visível de desenvolvimento das habilidades sociais e expressa uma premissa amplamente confirmada pela pesquisa empírica desse campo: as habilidades sociais são aprendidas e alteradas ao longo da vida por meio da variabilidade e seleção dos comportamentos submetidos às contingências ambientais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010a, p. 109).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) propõe a promoção das “habilidades de vida”, nas quais se encontram as seguintes habilidades sociais: empatia, comunicação, “lidar” com emoções e estresse, solução de problemas e tomada de decisão (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b). Considerando especificamente as HS no contexto das interações infantis, Del Prette e Del Prette (2010b) propuseram um sistema de sete classes principais que serviram de base para a proposta de intervenção

deste trabalho, são elas: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas.

A criança tem na escola um espaço que oportuniza o seu contato tanto com outras crianças como com adultos significativos no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, como os professores. Junto com a família e os grupos de amigos, a escola fecha a tríade dos contextos principais nos quais a criança se comporta e, portanto, se forma, enquanto pessoa e enquanto cidadã. Nestes territórios a criança é estimulada a enfrentar suas dificuldades e desafios e a assumir e exercitar determinados papéis. A escola deve fomentar a autonomia, a criticidade e a cooperação dos e entre os alunos; classes comportamentais estas que favorecem a sua sobrevivência nos grupos e contribuem para a cultura da sua comunidade. Pode-se citar enquanto exemplos de comportamentos socialmente esperados das crianças: repartir, auxiliar, iniciar relações, obter auxílio, cumprir e utilizar-se de “obrigado” e “por favor” (DE LUCCA, s/d).

As habilidades de socialização são muito importantes para a criança, pois esta é talvez a tarefa mais crucial do seu desenvolvimento inicial. Na socialização infantil ocorre a ampliação e o refinamento do repertório de comportamentos interativos ao mesmo tempo em que se dá a aprendizagem das regras de cada comunidade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b). Tem sido comprovado também que as HS da criança apresentam uma relação funcional direta com seu desempenho acadêmico.

Molina e Del Prette (2006) apontam para esta relação enquanto indicadora da necessidade de que melhores contingências sejam dispostas nos ambientes escolares para o desenvolvimento socioemocional das crianças, pois esta se caracterizará como uma estratégia relevante para a superação dos déficits de aprendizagem. Para tanto, os adultos envolvidos na educação das crianças devem de alguma forma se empenhar nesta empreitada, garantindo um sistema educativo mais eficaz, que traga em seu bojo o respeito pelos direitos da criança, a primazia pela qualidade das relações e o fomento do ativismo da criança na vida comunitária, que também podemos chamar de cidadania.

Em estudo realizado por Cia e Barham (2009) sobre repertórios de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e de-

sempenho acadêmico de crianças no início da escolarização, as autoras constataram que o desenvolvimento socioemocional tem grande relevância no desempenho acadêmico das crianças que se encontram no início de suas jornadas escolares. Os resultados da pesquisa indicaram que investir na correção de problemas comportamentais e no fomento de programas para melhorias nas HS e no autoconceito das crianças representa uma proposta importante para o desenvolvimento escolar global. Os expedientes programados podem ser utilizados diretamente com a criança, ou indiretamente via pais e/ou professores.

Os repertórios de HS são foco de interesse de profissionais diversificados como psicólogos, psiquiatras e educadores, pois sabe-se atualmente que a incompetência social pode indicar baixo ajustamento psicossocial ou ainda ser efeito de prejuízos psicológicos, enquanto um bom repertório de HS é sinônimo de perspectivas positivas de desenvolvimento. Nos dias atuais a criança depara-se com situações de enfrentamento cada vez mais específicas e exigentes, para responder a estas demandas adequadamente é necessário um bom repertório de HS. A criança socialmente competente tem aumentadas as probabilidades de engajar-se e manter relações de amizade harmoniosas com colegas e também com adultos. Habilidades como as comunicativas, de expressividade e de desenvoltura nas interações colaboram para fazer amigos, obter respeito, *status* no grupo ou, de maneira geral, facilitam e propiciam um convívio diário mais saudável e adequado (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b).

Treinamentos em Habilidades Sociais (THS)

Com frequência, as investigações acerca dos repertórios de HS infantis se dão por meio da coleta do relato parental, particularmente da mãe, e dos professores. Este enfoque explica-se pela constatação de que são a família e a escola os contextos primeiros nos quais a criança se comporta e onde se ensejam as mais propícias condições para o seu desenvolvimento. Nestes ambientes os pais e os professores se sobressaem enquanto importantes observadores do repertório comportamental da criança (BOLSONI-SILVA, et al., 2006). A observação emerge enquanto metodologia primordial no processo de planejamento de um treinamento em HS infantil, uma vez que é preciso partir do repertório já apresentado

pela criança vislumbrando metas tanto de aquisição de novas habilidades quanto de aprimoramento das já existentes.

Os Treinamentos em Habilidades Sociais (THS) objetivam a aprendizagem de comportamentos adaptativos de interação como meio de superação dos déficits em desempenhos sociais. Tais programas são utilizados tanto nos ambientes clínicos quanto nos educativos. Ressalte-se que tanto no processo investigativo quanto na aplicação do treinamento o sujeito é percebido nas particularidades do seu contexto social imediato. Cumpre esclarecer ainda que neste processo o indivíduo atua ativamente, sendo o principal protagonista no aprimoramento de suas relações interpessoais (BOLSONI-SILVA, 2002). O THS não se caracteriza como um processo hierárquico de imposição unilateral de padrões de comportamento, mas sim como um processo de ensino-aprendizagem no qual participante e facilitador constroem juntos modos de interação mais satisfatórios considerando as demandas de seus diversos ambientes.

Tamanha demonstra ser a importância dos THS que os eminentes autores da área, Del Prette e Del Prette (2010b), sugerem ser possível um balizamento de tais programas com outras estratégias organizadas para a construção de novas realidades culturais. Nestas realidades seria priorizado o planejamento de condições favoráveis para o ensino de habilidades pró-sociais (fazer e manter amizades, comportamento empático, comportamento solidário, entre outros) que trabalham em favor de um desenvolvimento socioemocional positivo. Ademais, os autores entendem que:

A exigência de relações interpessoais novas, tanto com o objetivo de superar as consequências desastrosas dos conflitos que parecem se generalizar na sociedade atual como de alcançar relações baseadas no respeito aos direitos e na convivência humana mais harmoniosa, pode ser alcançada por programas de THS (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b, p. 16).

Um THS apresenta duas principais caracterizações: pode ser parte de um processo terapêutico maior, ou constituir ele mesmo o processo. Amplamente utilizado em intervenções pautadas nos pressupostos da Análise do Comportamento ou da Terapia Comportamental, os THS têm servido eficientemente tanto às demandas clínicas quanto às não-clínicas. Em qualquer que seja o contexto, os objetivos centrais dos THS se

equiparam no seu enfoque central: superação ou redução de déficits nos repertórios de interação. O arcabouço teórico utilizado pelos THS nos fornece uma diversidade de procedimentos para a realização de intervenções com objetivos pré-estabelecidos, esta afirmação se mostra particularmente verdadeira e relevante quando tratamos de ensino e treino em grupos (BOLSONI-SILVA, 2002).

Em um levantamento acerca da produção nacional em programas de THS, Murta (2005) concluiu que, embora a realização de THS seja uma proposta relativamente nova, a literatura aponta para uma gama proeminente de trabalhos cuidadosos no que concerne à rigorosidade metodológica, com delineamentos pré-experimentais e em uma grande diversidade de contextos. A produção nacional se mostra, portanto, com potencial para sustentar profissionais clínicos e pesquisadores interessados nos avanços da tecnologia comportamental para a promoção de saúde e para o aprimoramento das possibilidades de desenvolvimento humano. Se fazem possíveis assim intervenções cada vez mais promissoras tanto no que concerne às contribuições quanto no que se refere à ampliação dos campos de trabalho e estudo.

Outra reconhecida sumidade na área de HS, Caballo (2008) nos fornece uma descrição das etapas e dos elementos que vem a compor um THS. De acordo com o autor, o modelo básico do treinamento compreende em primeiro lugar a identificação, com o auxílio do participante, das áreas nas quais os déficits de inadequação social se apresentam mais relevantes. A emergência de exemplos específicos se faz importante neste momento. Neste processo de determinação de prioridades o analista pode se valer de entrevistas, técnicas de autoregistro ou autoinforme utilizadas pelo participante, o uso de situações equivalentes ou ainda a observação direta de situações reais. Uma vez coletados os dados necessários para a visualização dos esquemas que mantêm tais disfunções o analista pode começar a trabalhar com o participante os planos de ação para cada problemática de maneira específica.

Com frequência, os trabalhos em THS se desenvolvem em grupo. Caballo (2008) ressalta alguns benefícios dos treinos realizados neste formato, a saber: a) a disposição grupal propicia condições para o treino entre pares, uma vez que constitui uma relação social pré-estabelecida; b) no grupo os participantes sentem-se menos intimidados por compartilha-

rem com outras pessoas os mesmos déficits e dificuldades; c) as contingências dispostas para o treino das habilidades são reais e não simuladas e d) o formato grupal tem a vantagem da economia, de tempo e investimento. No ambiente escolar, o THS no formato grupal apresenta uma expressiva probabilidade de eficácia uma vez que os grupos já existem antes da intervenção e persistem após os trabalhos.

Objetivos

A investigação seguida de intervenção ocorreu em uma escola municipal de ensino público de uma cidade do Norte de Santa Catarina. Neste contexto, foi estabelecido o seguinte objetivo inicial: investigar quais as classes comportamentais de habilidades sociais que apresentavam maior deficiência no contexto de interação entre pares em crianças de séries iniciais. Para então, com base nos dados obtidos, desenvolver um programa de treinamento breve em habilidades sociais com foco nas classes comportamentais que apresentaram maior deficiência.

Primeiramente foi estabelecido contato telefônico com a Diretora da escola no dia 24 de julho de 2012. Nesta ocasião foi agendada uma visita à instituição para o início do mês posterior. Depois de realizados os devidos esclarecimentos relativos às características e aos objetivos do trabalho a Diretora, em conjunto com a Especialista da escola, indicou a turma do 5º ano vespertino para a realização da investigação e posterior intervenção. Segundo as mesmas, a referida turma apresentava “problemas de rivalidade entre grupos” (sic). Foram então agendadas as datas para a realização das observações, sendo estas 8 e 9 de agosto de 2012.

Os dois dias de investigação constituíram-se de observação exploratória dentro da sala de aula com o intuito de descrever a interação entre pares com foco na identificação de possíveis déficits em habilidades sociais nas crianças. Em ambos os dias a observação ocorreu das 13h00min às 16h00min, somando um total de 6 horas. Após, iniciou-se um processo de investigação na literatura acerca das possibilidades de treinamento das classes de habilidades sociais que emergiram de maneira mais relevante enquanto defasagem no repertório dos alunos.

Antes de explanar os dados obtidos da observação da interação discente, cumpre pontuar que percebeu-se um padrão comportamental

docente desfavorável, contraproducente e falho em termos de modelos positivos de interação, revelando um repertório pobre nas habilidades de empatia, civilidade, assertividade, resolução de problemas interpessoais e, particularmente, autocontrole e expressividade emocional. Os déficits fizeram-se visíveis tanto em seus comportamentos verbais quanto não-verbais (expressões faciais, posturas, e contatos visuais). Ademais, o padrão de comportamento da professora mostrou-se apático, o que, por seu turno, explica o padrão desatento e permeado por frequentes conversações paralelas ao conteúdo acadêmico observado na maioria dos alunos. Diante deste contexto discente desorganizado a professora lançava mão, com relevante frequência, do uso de expedientes aversivos para o controle da turma por meio de punição e intimidação. A proposta deste trabalho focou a interação discente, no entanto, constatou-se urgente a promoção de um trabalho específico com a professora, ou com o grupo de professores que compreendem o corpo docente da escola, para ensino de alternativas comportamentais não punitivas no contexto de interação professor-aluno em sala. Este *feedback* foi oferecido à Diretora da escola verbalmente.

Na interação discente, foco de intervenção, foram constatados indícios de possíveis defasagens nas seguintes classes de habilidades sociais nos alunos: empatia, assertividade, autocontrole e expressividade emocional. A turma tem um número representativo de alunos, por isso não foi possível na realidade da carga de observação proposta avaliar aluno a aluno, as evidências aqui descritas, portanto, fazem referência particular a alguns alunos ou grupos de alunos. Ainda assim, acredita-se que a proposta de treino em habilidades sociais breve veio a favorecer a turma como um todo, uma vez que o THS figura enquanto elemento potencialmente facilitador da dinâmica de interação das crianças.

Após as observações mencionadas foi estabelecido o seguinte objetivo geral: viabilizar um breve THS com alunos especificamente nas classes comportamentais de empatia, assertividade, habilidades sociais de autocontrole e expressividade emocional como meio de otimizar sua competência social no contexto escolar. Deste, quatro objetivos específicos emergiram e deram direção aos trabalhos: capacitar os alunos a discriminar as diferentes emoções e sentimentos para treinamento do comportamento empático; capacitar os alunos a optar por estratégias de

enfrentamento assertivas na resolução de problemas interpessoais e acadêmicos; capacitar os alunos em habilidades sociais de assertividade e cooperação grupal; capacitar os alunos em habilidades de autocontrole e de expressividade emocional positiva.

Relato

A proposta de intervenção aqui descrita teve embasamento teórico na linha de atuação psicológica Análise Experimental do Comportamento, foram utilizadas como modelo outras propostas que apresentam características similares e igualmente desenvolvidas para crianças. A construção da estrutura dos encontros se apoiou largamente nas propostas de THS e vivências para crianças de Del Prette e Del Prette (2010b; 2001). O treinamento foi composto por 3 encontros que se deram no decorrer de uma semana com duração média de 1 hora e 15 minutos cada, em um salão com espaço amplo cedido pela instituição escolar. Nos encontros foram abordados os seguintes temas sob a forma de vivências: empatia, assertividade, atenção, seguimento adequado de regras, cooperação e trabalho em grupos e habilidades sociais de autocontrole e expressividade emocional. As estratégias utilizadas foram dinâmicas e vivências retiradas e/ou adaptadas do livro *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: teoria e prática* (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b) e *Psicologia das Relações Interpessoais: vivências para o trabalho em grupo* (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). A seguir dispõe-se uma breve descrição da estrutura dos encontros realizados.

Primeiro encontro: apresentação de objetivos, breve discussão do conceito de habilidades sociais, realização de uma adaptação da vivência “no ritmo da música” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b, p. 243) com o objetivo de treinar a interação, atenção e seguimento de instruções e realização de uma adaptação da vivência “quem vê cara, vê coração?” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b, p. 160), com o objetivo de treinar o comportamento empático.

Segundo encontro: realização de uma adaptação da vivência “nem passivo nem agressivo, assertivo!” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 156), com o objetivo de treinar a percepção e a emissão de comportamentos assertivos. Realização da vivência “misto-quente”

(DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 189), com o objetivo de dessensibilizar o grupo diante de situações em que recebem críticas e de treinar a aceitação e a emissão de críticas e autocontrole da ansiedade e expressividade emocional adequada em grupo.

Terceiro encontro: Realização de uma adaptação da vivência “perguntando e descobrindo” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010b, p. 226), com o objetivo de treinar habilidades de expressão, fazer amizades, prestar atenção e observar. Fechamento dos encontros.

Discussão

O primeiro encontro teve como objetivo proporcionar o treino interativo, o seguimento de regras, a focalização da atenção e o comportamento empático. A interação entre pares foi proporcionada pela primeira dinâmica, que envolvia dança musicalizada. Esta dinâmica demonstrou-se apenas parcialmente adequada para o início das atividades por duas principais razões: a) grande quantidade de crianças envolvidas e b) relacionamentos divergentes entre inúmeras crianças. A constatação da existência de divergências entre grupos - queixa da equipe educacional - não tinha sido constatada na observação em sala de aula, mas foi percebida no decorrer dos três encontros.

O treino de focalização da atenção foi igualmente prejudicado em função do número de crianças envolvidas. Ademais, o ambiente proporcionado pelo treinamento emergiu tanto como situação nova quanto como ambiente social não punitivo, gerando alto nível da ansiedade, agitação e comunicações paralelas. Os relatos das crianças com relação às suas interações fora da sala de aula demonstraram, no entanto, uma rotatividade de pares, porém de forma intermitente.

A maioria dos alunos da classe convive desde os primeiros anos, percebeu-se haver baixo retraimento de expressividade emotiva, tanto negativa quanto positiva, por parte dos alunos. O treino do comportamento empático demonstrou a facilidade das crianças em discriminar diferentes emoções e sentimentos. Constatou-se assim não haver deficiência no quesito leitura do ambiente, deixando a hipótese funcional de aprendizagem adaptativa de comportamentos operantes inadequados (de agressividade, bagunça, oposição, provocação, entre outros).

O segundo encontro teve como objetivo central o treino da percepção e emissão de comportamentos assertivos combinado com a dessensibilização para a emissão e o recebimento de críticas e elogios (habilidade requerida para a classe de comportamentos intitulada “fazer e manter amizades”, de comprovada relevância na determinação da competência social dos indivíduos). Foram realizadas encenações para as quais as crianças demonstraram engajamento ativo e, ainda que nem todas tivessem optado por representar alternativas assertivas como resolução dos problemas das pranchas, a discussão após as apresentações proporcionou a identificação dos comportamentos assertivos esperados em resposta às situações trabalhadas.

A dinâmica “misto-quente” que trabalhou com a habilidade de fazer e receber críticas e elogios teve participação ativa de todas as crianças com grande frequência de solicitações para realizar tanto as críticas quanto os elogios. De maneira geral e predominante as crianças aceitavam as críticas sem oposição agressiva. Se por um lado a referida classe discente apresenta características sectaristas de exclusão entre grupos (alguns mais fixos e outros mais situacionais) de outro demonstrou ser uma turma muito disponível para a comunicação e avaliação de déficits de desempenho socialmente habilidosos, assim como de validação de desempenhos socialmente competentes.

Majoritariamente, dos meninos emergiram as opções agressivas de enfrentamento como “socar”, “bater” e também as passivas como “fugir”. O aluno com maior frequência de emissão de comportamentos não habilidosos da classe externalizante no decorrer dos três encontros foi o mesmo que durante as observações em sala relatou o seguinte episódio: “às vezes bato na minha sobrinha e minha mãe só diz “R., R.”, e não faz nada” (sic). O que remete a uma constatação da limitação de um trabalho que se propõe a operar em apenas um ambiente dentre os muitos nos quais as crianças se comportam e estão em constante processo de aprendizagem seja por modelação, seja por reforçamento diferencial.

O grupo das meninas emergiu consideravelmente mais assertivo e disponível a aceitar e discutir alternativas de resolução de problemas. No entanto, observou-se também dificuldades de interação entre algumas alunas e alguns grupos de alunas. Não foram observados na relação entre gêneros comportamentos de submissão ou passividade. A interatividade

entre meninos e meninas, ainda que por vezes turbulenta e provocativa, demonstrou-se frequente e de fácil iniciação.

O objetivo central do terceiro encontro foi aproximar os alunos por meio da adaptação de uma vivência para uma brincadeira comum no fim da infância e no início da pré-adolescência: o jogo da garrafa. Foram consideradas habilidades complementares treinadas por meio deste jogo as seguintes: expressividade emocional, fazer amizades, focalização da atenção e observação do comportamento do outro. No decorrer do jogo a turma esteve participativa, no entanto, o nível de ansiedade foi ainda maior do que o constatado nos encontros anteriores.

Considerações finais

A proposta inicial deste trabalho foi proporcionar um treinamento breve em habilidades sociais para os alunos de uma turma de quinto ano vespertino de uma escola pública de ensino. O treinamento proporcionou, portanto, apenas um contato inicial das crianças com atividades de características comportamentais desprovidas de cunho punitivo e significativas para a construção de um repertório comportamental habilidoso. A julgar pelas observações realizadas em sala, estas são situações essencialmente divergentes das encontradas no cotidiano de ensino-aprendizagem.

No decorrer das atividades ficou nítida a necessidade de treinamento de comportamentos pró-sociais mais elementares por meio da efetivação de um programa de modelagem com objetivos menores para grupos específicos de crianças. Esta demanda não pôde ser atendida na limitação deste trabalho.

Os padrões mais evidentes passíveis de intervenção que emergiram no decorrer dos três encontros foram os de oposição agressiva e intolerância, que se referiram a um grupo específico de alunos com comportamentos externalizantes, particularmente os opositores agressivos, acentuados. A estas crianças a oferta de um trabalho mais extenso e regular, que inclua orientação parental, com foco na mudança ambiental, parece ser uma alternativa mais adequada e eficaz.

Referências

BOLSONI-SILVA, A. T. Habilidades sociais: breve análise da teoria e

da prática à luz da análise do comportamento. **Interação em Psicologia**, n. 6, v. 2, p. 233-242, 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T. Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 de set. 2012.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2008.

CIA, F.; BARHAM, E. J. Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. **Estudos de Psicologia**, v. 26, n. 1, p. 45-55, jan-mar, 2009.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais e análise do comportamento: proximidade histórica e atualidades. **Revista Perspectivas**, v. 1, n. 2, p. 104-115, 2010a.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. São Paulo: Vozes, 2001.

DE LUCCA, E. Habilidade social: uma questão de qualidade de vida. s/d. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>>. Acesso em: 14 de set. 2012.

MOLINA, R. C. M.; DEL PRETTE, Z. A. P. Funcionalidade da relação entre habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. **Psico-USF**, v. 11, n. 1, p. 53-63, jan./jun. 2006.

MURTA, S. G. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n.

2, p. 283-291, 2005.

SALVO, C. G. D.; MAZZAROTTO, I. H. K.; LÖHR, S. S. Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 15, n. 1, p. 46-55, 2005.

Recebido em / Received on / Recibido en 29/01/2013

Aceito em / Accepted on / Acepto en 10/02/2014